

Público

17-09-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 229

Imagem: S/Cor

Página (s): 48

## O RESPEITINHO NÃO É BONITO

# Os demónios da esquerda



**João Miguel Tavares**

No final de Agosto eu escrevi um texto a propósito da morte de António Borges que incomodou certas almas. A tese, para quem não se recorda, era esta: a esquerda insiste em reclamar para si o monopólio da bondade, confundindo com demasiada frequência o plano do errado (politicamente) com o do mau (moralmente). E, assim, aquilo que deveria ser um debate político sobre os actos passa a ser um debate moral sobre as intenções, numa inconsequente demonização do outro, cujo resultado prático é o de dinamitar quaisquer pontes de diálogo. Se diante de mim não tenho um adversário com ideias diferentes mas sim um inimigo que quer destruir o país e o Estado social, estou condenado a entender-me com ele sobre coisa nenhuma.

Fernanda Cândia, Pedro Tadeu ou José Manuel Pureza insurgiram-se contra o meu texto, cada um deles de sua forma, nalguns casos fazendo o favor de me dar razão ao mesmo tempo que me atacavam, como nesta frase de Pureza: “A direita que critica, como virgem ofendida, a demonização de

adversários políticos individuais, pratica convictamente a demonização anónima de massas humanas.” Demonização anónima das massas humanas – Pureza não faz a coisa por menos. Ora, esta retórica marxista pode parecer muito piedosa, mas apenas perpetua a situação de enclausuramento em que estamos enfiados, porque, das duas, uma: ou Pureza está a ser hiperbólico e é preciso dar-lhe o desconto, ou, não estando, só conseguirá debater as alternativas para a actual crise naqueles congressos super-mediáticos em que toda a gente se indigna muito, mas ninguém sabe realmente o que fazer.

Não sendo eu de esquerda, poder-se-ia dizer que com o mal dos outros posso eu bem. Mas, no presente atoleiro, qualquer pessoa moderada perceberá que o debate político é essencial ao país, e que muitas preocupações geralmente atribuídas à esquerda – desde logo, a forma como este Governo está a atingir os mais fracos sem colocar o mesmo entusiasmo no ataque aos privilégios dos mais fortes – são mais do que justas e devem ser levadas em conta. Só que para serem tomadas a sério e, sobretudo, para serem eficazes, é necessário diminuir o nível de gritaria e evitar este enjoativo balanço entre a sonsice de António José Seguro e o radicalismo do PCP e do Bloco que se traduz numa incapacidade em reconhecer as dificuldades do Governo e em

apresentar alternativas sólidas ao que está a ser feito.

Quando, ao fim de anos de pesadelo, o PS ainda se mostra incapaz de chegar a uma maioria absoluta e o PCP e o Bloco não descolam dos seus nichos eleitorais, eu diria que se calhar era altura de a oposição se questionar sobre o que raio tem andado a fazer. Muitos portugueses devem sentir-se como eu: acham o actual Governo bastante mau, mas consideram as alternativas ainda piores. Isto não acontece por acaso. Acontece porque não há qualquer partido que se consiga impor com um discurso que seja diferente mas consistente, e que não finja que os problemas não existem ou que os nossos credores podem ser olímpicamente ignorados enquanto continuam a meter dinheiro para nos financiar.

Dizer “não sei para onde vou, sei que não vou por aí” já não chega. Dizer “nós somos os bem-intencionados e vocês os pulhas” é uma infantilidade. A esquerda não se pode limitar ao papel de carpideira do sistema. É fácil, é confortável, mas esquece que as pessoas não são idiotas e não querem ser tratadas como “massas humanas” – seja para as atacar, seja para as defender.

**Jornalista**  
jmtavares@outlook.com